

Carro Ma

Desenhos da Guerra

Rubem Braga

EM alguns desenhos de Carlos Scilar eu revejo esse sentimento de tristeza monótona da guerra. Fértil em ligação humana, forjando dedicações que são mais e menos que humanas, porque remontam ao puro instinto animal, ela é também uma terrível professora de solidão. No seio de seu tumulto espantoso e grosseiro, o homem às vezes se vê só, abandonado a uma angústia dolorosamente fria, como o adolescente no turbilhão de remotos carnavais.

Dentro de sua vida que ora beirava a morte, ora mortificava de pequenos deveres e restrições, ora tinha o sabor violento de uma aventura, ora transfigurava seu destino humilde em instantes de poderio e fortuna, ora o reduzia a simples número de um pobre rebanho maltratado, eu vi mais de uma vez o pracinha triste. Então a saudade o agarrava com as unhas fundas; e era às vezes menos saudade da terra e da gente que de um ritmo perdido, embora um ritmo chato. Mas soava uma hora, nessa infundável compartimentação de horas que torna a vida militar tão mais desesperadamente estreita que a civil; era a hora de fazer alguma coisa, e ele ia fazer. E retomava seu novo ritmo. Forte coisa é a guerra, cuja rotina, em meio a todas as misérias, embala um homem.

Neste caderno não estão as imagens mais dolorosas nem as mais cheias de movimento da guerra que nossos homens viveram. O cabo artilheiro Carlos Scilar não é um repórter, nem estava fazendo reportagem. Trabalhava na Central de Tiro de seu Grupo; mas às vezes largava o transferidor sobre a carta e, olhando uma paisagem cinzenta pela janela de vidros baços e partidos, esquecia o contróle horizontal. Comovem-me essas paisagens simples que ele rabiscava então; umas árvores em Marzolaro, um ângulo de montanha em Forreta, uma casa de pedras esburacada em Gaggio Montano.

Nesta cara de velha reconheço uma daquelas fortes camponesas que via, apreensiva, sua casa sofrer a invasão dos homens de farda, com suas botas grosseiras, sua língua estranha e os fardos e caixotes inumeráveis de sua bagagem de guerra. Distribuíam-se os aposentos, instalavam-se os telefones, abriam-se mesas de campanha entre grossos armários seculares, e os pracinhas iam espionar suas caras sujas e escuras no cristal de altos espelhos. Às vezes, no sótão, dormiam amontoados homens, mulheres e crianças «sfollati»; e a família da casa se recolhía em silêncio a um canto do porão. A matrona a princípio parecia tímida e humilhada. Mas via dois soldados se esforçando em vão para carregar um grosso «materasso»; afastava-os com um gesto e fazia o serviço sózinha, com seus braços rudes e maternais. Na manhã seguinte já acendia o fogo da lareira; e aos poucos ia outra vez assumindo o govêrno do seu reino superpovoado e impondo a sua ordem austera sobre aquela extraordinária família.

Quando as granadas rebentavam pelo quintal, ela não interrompia suas tarefas de dona de casa, como se toda a sua vida houvesse vivido entre explosões; fazia respeitar sua família e suas coisas, consertava e lavava as roupas dos soldados como de meninos vadios. «recortava» suas comidas de lata no sabor dos velhos caldeirões familiares. E um dia, quando os homens partiam com sua tralha enorme, depois de ajudar, com um ar severo, a faina da mudança, ela se recolhía a um canto — e chorava. Com saudade daqueles que, ao chegar, pareciam brutamontes, e eram agora todos, aos seus olhos, para o seu coração, uns meninos.

Durante esses meses o pintor Scilar teve de largar suas telas e tintas; mas o desenhista avançou pelo caminho da simplicidade. A guerra ensina a esquecer as abstrações, e aborrece tudo que é sofisticado; sua arte passou por esse filtro. Mas a nossa guerra era na Itália, e a Itália é uma espantosa lição de beleza.

Rev. Acad. 1945

21 - 25

197